



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  

---

PRESIDÊNCIA  

---

DA REPÚBLICA

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 13 DE JULHO DE 1995

*Ministro Krause, Ministro de Estado do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal; Ministro Pedro Malan, Ministro da Fazenda; Senhor Governador Cristovam Buarque, Governador do Distrito Federal; Senhor Vice-Presidente do Senado, Senador Teotônio Vilela; Senhores Senadores; Deputados; Senhor Presidente do Ibama, Raul Jungmann; Senhor Presidente do Banco do Brasil, Paulo César Ximenes; Senhoras e Senhores,*

Esta reunião rápida tem um sentido que me parece inovador.

Em primeiro lugar, quero registrar que ontem estive aqui com o Dr. Paulo César Ximenes, quando o Banco do Brasil, juntamente com o Sebrae, se abriu a uma idéia inovadora, que era a questão do aval para empréstimo às pequenas e microempresas.

Hoje eu vejo o Banco do Brasil vestido de verde. Isso é bom, é sinal de que as cordas mais duras do coração humano, que são as das finanças, começam a ser tocadas por problemas da população. E o Ministro da Fazenda assinou, aqui.

É um sinal muito positivo de que estamos realmente mudando a nossa mentalidade no Brasil, no que diz respeito às nossas preocupações, juntando o econômico com o político, com o social, com a preservação do meio ambiente, com o desenvolvimento sustentável.

Só lamento que, pessoalmente, eu possa decepcioná-lo, Senhor Ministro Krause. No início, quando me falaram que eu teria um cartão verde, eu disse: “Meu Deus do céu, vou abalar o equilíbrio macroeconômico do Plano Real gastando muito!” Mas, depois, eu me lembrei de que a minha propensão a consumir é muito menor do que a minha propensão a economizar, de modo que a minha contribuição pessoal vai ser muito modesta para esse esforço meritório. O máximo que posso fazer é o que estou fazendo: é pedir que os outros gastem e que, ao gastarem, usem o cartão verde. E gastem moderadamente. Não paguem juros. Paguem à vista.

Brincadeiras à parte, acho que todas as iniciativas que estão sendo tomadas continuamente, quase numa base rotineira, são sinais muito claros de que o Brasil realmente encara o problema ecológico de uma maneira nova.

O fato referido pelo Presidente do Ibama, que sei que está fazendo um excelente trabalho, de que nós temos hoje 50 milhões de pessoas ligadas a essas redes de cartões e que mobilizam milhões de dólares de recursos, é importante. Tenho mencionado seguidamente que os Governadores da Amazônia, espontaneamente, vieram a mim, logo no início do Governo, para trazer uma carta política na qual renovavam o modo pelo qual encaram o problema do desenvolvimento: o desenvolvimento contido dentro de bases de sustentação e de reprodução das condições ambientais para a geração atual e para as gerações futuras. Isso, hoje, não são mais palavras. E esse protocolo verde, que está sendo assinado aqui, tem muito significado também.

Houve um tempo – e o Ministro Malan se lembra disso, porque vivia, nessa ocasião, em plagas mais amenas, em Washington – em que se falava que havia alguma restrição a empréstimos do Banco Mundial porque haveria cláusulas relativas à preservação do meio ambiente, e aqui, “em nome da soberania”, se reagia como se fosse intromissão em

negócios internos nossos. Ora, a soberania que não toma em consideração a reprodução da vida do povo não é soberania, é suicídio. Era uma má compreensão da soberania. Soberania é a capacidade de decidir.

Uma das decisões fundamentais é a da preservação da vida no seu mais amplo aspecto, precisamente o que engloba essa dimensão do desenvolvimento ecológico. Então, uma soberania que se opõe à vida não é soberania, é um mal-entendido.

Nós estamos desfazendo tudo isso. Essa época já passou. E este protocolo verde vem assegurar aqui, no Brasil, que as mesmas exigências feitas no mundo externo, que se preocupou, antes de nós, com a questão do meio ambiente, sejam feitas aqui. Não vamos dar recursos para aqueles que vão usá-lo de maneira predatória. Na verdade, estamos voltando a ter noção muito clara de um comprometimento profundo com a questão toda do meio ambiente. Isso não é simplesmente um cosmético. É algo muito vital, muito importante.

No caso específico do Ministério do Meio Ambiente, as ações têm que ser, em grande parte, como têm sido: até certo ponto, simbólicas. Nós já visitamos o nascedouro do rio São Francisco, na Serra da Canastra. Precisamos não esquecer da região mais próxima a São Paulo; precisamos preservar a Mata Atlântica. Mas nós temos, realmente, que fazer uma série de atos que mostrem que o País é outro e que, neste novo país, a ação dos bancos tem que estar imbuída do mesmo espírito da ação do Ministério do Meio Ambiente. Tem que haver, realmente, uma visão compreensiva, global do problema do desenvolvimento.

Aqui há muitos diplomatas presentes, embaixadores. Alguns o serão daqui a pouco. Então, a gente se recorda de que, em outras épocas, o Brasil tinha dificuldades nessa matéria, o Brasil era atormentado pelo mundo afora. Na década de 70, alguns governos brasileiros, numa incompreensão do problema, chegaram a dizer “bendita poluição”, porque achavam que, quanto mais fábricas poluíssem aqui, mais fábricas viriam e mais desenvolvimento haveria. Nos anos 70, depois da primeira reunião de Estocolmo, foi uma coisa catastrófica o que aconteceu: uma espécie de desestima do nosso país, porque nós aparecíamos como se fôssemos irresponsáveis.

Eu participei, muitas vezes, de reuniões, na Suécia, precisamente, em que se buscavam alternativas com o nosso mestre, amigo, Inácio Sax, e outros mais. No início da reformulação dessa questão do desenvolvimento, a situação do nosso país era difícilíssima. Claro que eu estava lá como sociólogo e não como representante do Governo. Então, estava melhor e ajudando a redefinir a questão toda do conceito de desenvolvimento. Mas, hoje, isso é alguma coisa enraizada, não precisa nem ter conceito, é uma prática. E o que estamos fazendo aqui é levar adiante essa prática.

Portanto, quero simplesmente agradecer. Lamento não poder dar a palavra ao Ministro Malan. Percebo que ele estava querendo confirmar essa vocação humanista do Banco do Brasil... Mas queria agradecer muito a presença de todos, felicitar pela iniciativa e dizer que é por aí que temos que seguir em frente; agradecer, mais uma vez, o que está sendo feito no Ministério do Meio Ambiente e no Ibama e dizer que o Banco do Brasil vai continuar de portas abertas e com o coração afinadíssimo com todos aqueles que têm um pensamento que vai além de, pura e simplesmente, saber se ganhou ou perdeu. Vai ganhar com dignidade, vai ganhar com um alto sentido de solidariedade. E vamos ganhar preservando, para a nossa geração e as futuras, as condições de reprodução da vida.

Muito obrigado.